



Antonio Hohlfeldt

Teatro

a_hohlfeldt@yahoo.com.br

Travessia e disponibilidade

Por variados fatores, ainda não havia conseguido assistir a *Travessia*, criação dramática de Nora Prado, que assina a autoria textual e assume a interpretação, com direção de Adriane Mottola. O festival Palco Giratório do Sesc, na sua primeira semana, me permite, enfim, me encontrar com este espetáculo de diferentes chaves de leitura, mas que se afirma, antes de mais nada, enquanto teatro, ao mesmo tempo em que se coloca como uma ação militante de discussão de situações-limite (no caso, Nora Prado chama de "travessia") que algumas pessoas enfrentam, com coragem e resiliência e que se tornam, por isso mesmo, referenciais para as demais pessoas.

A primeira questão é a perspectiva autobiográfica. Este debate é antigo, mas deve-se ter como norte o seguinte princípio: a partir do momento em que alguém escreve a respeito de algum acontecimento, tenha ele ocorrido consigo mesmo ou com outra pessoa, esta narrativa se torna ficcional. Autônoma - neste caso, enquanto texto e espetáculo de teatro. Uma personagem narra os acontecimentos de certa etapa de sua vida, atravessados pela personagem. A situação dramática nasce daí: a descoberta de um nódulo no seio por parte da mulher. Seguem-se outros episódios, formando uma espécie de unidade de vicissitudes que a personagem enfrenta, até resolvê-los.

A proximidade física entre a personagem/intérprete e o público ajuda decisivamente quanto à eficiência do trabalho proposto. A personagem dialoga diretamente, olho no olho, com cada um dos espectadores. Mas a cenografia de Duda Cardoso - muito simples, com aqueles elementos fundamentais para constituir os espaços dramáticos - é importante: a mesa de trabalho, uma espécie de baú transformado em mesa cirúrgica, um microfone que é também um holofote. A música original de Everton Rodrigues sublinha passagens sem ser exagerada. E o figurino de Coca Serpa - uma espécie de bata sobreposta ao restante das roupas, num tom cinzento - reforça o clima que é dramático, sem ser melodramático. Eis, aliás, uma das boas qualidades

do texto: não há autocomiseração, mas sim uma narrativa centrada sobre eventos passados, constituídos traumáticamente, mas gradativamente vencidos.

Em cerca de uma hora, a personagem nos apresenta esta travessia, rememorando os acontecimentos e contando, inclusive, com um dos personagens mencionados, Aramis - filho da atriz na vida real, personagem da narrativa na montagem - que também atua como uma espécie de contraregra, quando necessário. A iluminação de Ricardo Vivian acompanha a movimentação cênica, com destaque para o pequeno quadrado de luz projetado sobre o coração da personagem, elemento deflagrador de toda a ação dramática, pois é sobre este seio que ela descobre o nódulo cancerígeno.

Criar uma narrativa autobiográfica para ser transformada em espetáculo a ser repartido com outras pessoas não deve ser fácil. Para além das armadilhas iden-

tificadas por Maurice Halbwachs, em que se reconhece ser a memória inconfiável, há o risco da magnificação da própria experiência. Nora Prado, que tem uma bela história como atriz, tanto em Porto Alegre quanto no centro do País, parece ter escapado de todos estes desafios. Seu texto

é equilibrado, econômico, o que permite ao espectador, embora a empatia provocada pela personagem, acompanhar sobretudo o desenvolvimento da ação dramática - o que é, em última análise, o objetivo do texto, ou então a atriz teria escrito um ensaio ou uma conferência. O mérito do texto é ter encontrado referências dramáticas que permitissem sua encenação, e certamente, neste sentido, a experiência da diretora Adriane Mottola deve ter contribuído bastante.

Travessia é uma espécie de testemunho dramático. Mais do que nunca, a função mimética da arte, e do teatro, em particular, identificada desde os gregos por Aristóteles, é importante. Mas, sobretudo, isso só acontece porque o texto e o espetáculo nos permitem acompanhar uma personagem em seus desafios e em sua vitória final. Só podemos agradecer a Nora Prado a disponibilidade para repartir-se assim entre nós.

Não há autocomiseração em *Travessia*, mas sim uma narrativa centrada sobre eventos traumáticos, gradativamente vencidos



Mesmo calcada no blues e folk, apresentação no Araújo Vianna deixou roqueiros extasiados

Robert Plant mostra que todos os caminhos levam ao rock n' roll

Igor Natusch

Um incidente bem-humorado, mas ao mesmo tempo bastante emblemático, serviu como bom resumo para o ótimo show de Robert Plant e seu projeto Saving Grace no Auditório Araújo Vianna, em Porto Alegre, na última terça-feira. Quase ao final da apresentação, em um dos vários momentos de efusivos aplausos ao vocalista, uma voz se destacou na plateia e, em referência a um dos clássicos máximos do Led Zeppelin, gritou: "Rock and Roll!" A resposta de Plant foi imediata. "Tudo isso aqui é, seu ignorante", rebateu - num tom sem dúvida afiado, mas muito mais para o brincalhão do que para o agressivo, arrancando até algumas risadas dos presentes.

Não é de se dizer que Plant se incomode com as inevitáveis lembranças de uma das maiores bandas de rock de todos os tempos, mas a verdade é que, hoje em dia, ele está em outra. O Saving Grace é, acima de tudo, um projeto ligado ao folk e às raízes do blues, dedicado a revisitar canções que tiveram papel significativo na formação musical do cantor. Não se trata de um show de rock, no qual as pessoas vão pular e cantar a plenos pulmões com um copo de cerveja na mão: a proposta é muito mais intimista e contemplativa, convidando à audição atenta e aos aplausos comportados (ainda que efusivos) ao final de cada música. Ainda assim, são estilos que estão na raiz da grande árvore roqueira que estendeu galhos e frutos pelo mundo - ou seja, a afirmação enfática e ligeiramente rabugenta de Plant faz todo o sentido. É tudo rock and roll, no fim das contas, mesmo que a linguagem seja um tanto diferente.

Acompanhado por uma excelente banda e com a presença ao mesmo tempo discreta e potente da cantora e musicista Suzi Dian, Plant teve todo o suporte necessário para explorar sua atual visão musical com segurança e energia. Para os que talvez du-

vidassem da capacidade vocal do músico de 77 anos, Plant mostrou a que veio já na primeira canção, *The Very Day I'm Gone* - soltando uma longa e potente nota final que colocou as estruturas do auditório para balançar, motivando a primeira das várias ovações de pé da noite. Com um resultado acústico próximo da perfeição, foi um deleite assistir a canções de *Saving Grace* (o álbum, lançado no ano passado) como *As I Roved Out, It's a Beautiful Day Today* e *Everybody Song*, bem como novos - e ótimos - arranjos de outros momentos da carreira solo de Plant, como *Calling for You* e a excelente *Let the Four Winds Blow*.

Mesmo claramente sem conhecer algumas dessas músicas, o público mostrou-se receptivo o tempo todo, esbanjando alegria em compartilhar a presença do ídolo - um sentimento que parece ter batido também do lado de lá do palco, já que Robert Plant mostrou-se satisfeito e sorridente, ainda que sempre com um humor mordaz. "Foi apenas o primeiro de dez álbuns que vamos lançar (com a *Saving Grace*). Talvez a metade deles sejam póstumos", brincou, rindo da própria idade, logo antes que Suzi Dian apresentasse os demais músicos.

Embora a apresentação como um todo tenha sido uma boa chance de absorver ingredientes básicos do caldeirão mágico do rock - teve até uma memorável versão de *For the Turnstiles*, de Neil Young - ninguém teria permitido que Plant fosse embora sem entregar um pouco que fosse de Led Zeppelin. E ele não fugiu da raia: além de competentes versões de *Ramble On*, *Four Sticks* e *Friends*, o vocalista encerrou a noite com um *medley blues/folk* de *Going to California* e *Black Dog*, convidando o público a cantar junto. Um encerramento bem roqueiro para um show que, mesmo sem guitarras estridentes e desafios ao limite legal de decibéis, vai ficar um bom tempo na memória dos fãs de rock da Capital.